

**REPENSANDO A LITERATURA:
O DISCURSO INTERMIDIÁTICO E A REFLEXÃO CRÍTICA
UM ESTUDO EM O RETRATO DO REI**

Cristina Reis Maia*

Resumo: O presente trabalho visa discutir as possibilidades interdisciplinares no romance *O retrato do rei*, de Ana Miranda, através dos diálogos entre meta ficção (ou meta história), história, literatura e semiótica. Para lidar com este interdiscurso, discutiremos como as diferentes perspectivas se entrelaçam, abrindo espaço de análise para questionamentos da realidade, transformando a história em fonte de reflexão e aprendizagem.

Palavras-chave: Literatura; História; Arte; Reflexão Crítica.

Introdução

A literatura constitui-se enquanto um espaço interdisciplinar, marcado pelo diálogo entre diferentes especialidades e mídias. Nela, categorias distintas se entrelaçam, apresentando-nos novas possibilidades de percepção e apreensão da realidade. Tendo como norte o romance *O retrato do rei* (MIRANDA, 2001), o presente artigo busca discutir esta contingência, levantando questões acerca das apropriações e inter-relações entre a literatura e história.

Para melhor examinar esta proposição, devemos primeiramente lançar luz sobre o referencial teórico no qual o trabalho se ancora.

Classificado como um romance histórico, o livro em questão aborda a concepção da meta ficção ou meta história (WHITE, 2001), desenvolvendo através dos instrumentais da literatura temas referentes ao passado histórico. Isto é, incorporando os domínios da autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (HUTCHEON, 1991), a obra procura repensar e reelaborar conteúdos do passado, cobrindo eventuais vácuos (preenchendo lacunas) e subvertendo as convenções estabelecidas (MAIA, 2017).

Sendo assim, a elaboração do texto pauta-se sobre personagens e fatos documentados pela historiografia – afinal, trata-se de um romance histórico –, mas não se restringe aos dados oficiais. A escrita literária emerge justapondo diferentes tipos de narrativas (documental, oficial, oral, pictórica, ficcional, etc), entremeando seus enredos e preenchendo eventuais vácuos do registro oficial. Nestes interstícios, história e

* Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação de Letras e Linguística da Faculdade de Formação de Professores/UERJ. Pós-graduada em Estudos Literários (FFP/UERJ) Graduada em Letras pela FFP/UERJ

literatura se complementam, articuladas pela mão da meta história – compondo as brechas deixadas pela história oficial com elementos da ficção.

Este movimento propicia uma abordagem interdisciplinar do texto, proporcionando um viés único, que permite questionar e transpor os limites da intertextualidade e avançar para um entendimento crítico acerca dos fatos que subjazem aos eventos narrados.

Por fim – e o mais importante –, este deslocamento de imagens e eventos busca levar os leitores à auto reflexão e ao questionamento de teorias e acontecimentos impingidos como “verdades absolutas”. Por meio de entretenimento e fruição, o leitor é convidado a caminhar tanto pelos bosques da ficção quanto pelas sendas das informações (ECO, 2009), enriquecendo sua análise crítica acerca da realidade abrangida. Esse formato “leve” e “multidisciplinar”, por sua vez, acaba por levantar importantes questões a serem discutidas e atualizadas.

A Literatura e as novas percepções da História

Repensar a História através da Literatura e outras disciplinas é exercer um movimento revolucionário do pensamento. Movimento este que suscita à reflexão e atualização certos temas históricos desenvolvidos pelo enredo, levantando questões sobre a sua importância e pertinência.

Aprendemos desde cedo que a Literatura é a matéria da fantasia, capaz de nos levar por caminhos surpreendentes (e fictícios), fruto da imaginação prolífica do autor. O fator imaginativo é ampliado pela facilidade da Literatura transitar entre diferentes disciplinas e mídias, intercambiando elementos. Esta plasticidade proporciona uma fruição do texto que nos deixa envolvidos pelo tema e, subliminarmente, por sua mensagem.

Já a história reivindica para si o papel de guardião de memórias e da verdade – mesmo que estas não sejam infalíveis nem tampouco universais. Um posicionamento que lhe garante aval de ciência, já que sua narrativa pressupõe a comprovação de fatos por meio do estudo de registros e documentos.

Sem preocupar-se com a veracidade e comprovação dos fatos, a literatura seria mais flexível e deleitosa, enquanto a história, em sua eterna busca por reconhecimento e cientificidade, envolvida no estudo de documentos e registros oficiais, tornar-se-ia cada vez mais árida e rígida. Sob esta perspectiva, haveria uma fruição maior na narrativa literária do que na narrativa histórica, mais hermética.

Neste sentido, a literatura é percebida como um “diálogo entre o universo artístico e a vida extraliterária” (JANZEN, 2012, p. 109), enquanto a história passa a ser vista como uma disciplina racionalizada por linhas de tempo e fatos registrados, controlada por sequências de acontecimentos pontuais devidamente documentados. De modo que, enquanto a literatura constrói uma impressão da verdade – não necessariamente falsa, mas tampouco verdadeira –, a história busca refletir uma pretensão da verdade. Em outras palavras, enquanto cabe à literatura ficcionalizar a realidade, à história cumpre legitimá-la, certificando sua autenticidade – mesmo que, sendo escrita pelos homens, esteja sujeita a interpretações subjetivas e, portanto, manifeste-se sob versões (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Todavia, a percepção simplista da história não leva em conta o processo de “reelaboração crítica” que atravessa as relações sociais que a constituem –, tornando-a um *locus* onde as memórias não apenas se entrecruzam, mas também entram em conflito e dialogam, aprofundando críticas e reprocessando teorias (MONTEIRO, 2014). Uma nova perspectiva se faz necessária, proporcionando à história refletir sobre o passado enquanto produto da criação humana, permeado por diferentes subjetividades e interpretações, atravessado e condicionado por textos e intertextos:

Não podemos conhecer o passado, a não ser por meio de seus textos: seus documentos, suas evidências, até seus relatos de testemunhas oculares são *textos*. Até mesmo as instituições do passado, suas estruturas e práticas sociais, podem ser consideradas, em certo sentido, como textos sociais (HUTCHEON, 1991, p. 34).

Desse modo, tanto a literatura quanto a história tornam-se atrativas, capazes de envolver seus interlocutores e possibilitar a discussão de temas difíceis, despertando neles emoções e fruição com seus conteúdos. Pois se a literatura é compreendida como em um contínuo contar e recontar de histórias (SOUZA, 2017), a história é apresentada enquanto uma construção social, permeada por ideologias, percepções e juízos de valores.

Portanto, a relação entre a literatura e a história manifesta-se através de um constante processo de apreensão e (re)elaboração da realidade constituído por construções sociais e concepções subjetivas – a partir da interpretação dos fatos.

O discurso histórico não produz, portanto informação nova sobre o passado, já que a posse da informação sobre o passado, tanto nova como velha, é uma pré-condição da composição de um tal discurso. Tampouco pode-se dizer que ele fornece novo conhecimento sobre o passado, na medida em que o conhecimento é concebido como um

produto de um determinado método de investigação. O que o discurso histórico produz são *interpretações* de seja qual for a informação ou o conhecimento do passado de que o historiador dispõe. Essas interpretações podem assumir numerosas formas, estendendo-se da simples crônica ou lista de fatos até "filosofias da história" altamente abstratas, mas o que todas elas têm em comum é seu tratamento de um modo narrativo de representação como fundamental para que se perceba seus referentes como fenômenos distintivamente "históricos". (...) (Assim), podemos dizer que onde não há narrativa, não existe discurso distintivamente histórico (WHITE, 1991, p. 22).

Este processo implica em construção de *narrativas subjetivas*, atravessadas pela linguagem – com a qual apreendemos o mundo (BAKHTIN, 2011) – e pela capacidade de transposição dos limites nos diversos contextos em colisão na realidade concreta. Narrativas estas que propiciam ao leitor acesso às múltiplas possibilidades de interpretações – oferecendo diversas abordagens e olhares, viabilizando intervenções outras que possam expandir e ampliar a discussão sobre o tema. Sob este viés, o entendimento crítico de um texto dar-se-á pela sua capacidade em facilitar ao leitor a percepção das intertextualidades nele decorrentes.

Tecidas a partir de circunstâncias políticas, classes sociais, raças, sexo, localização e contexto histórico-cultural (MUNSLOW, 1997), as narrativas constituem apreensões diferenciadas (ou *versões*) sobre os fatos (BERGER; LUCKMANN, 2004; STAM, 2006). Elas marcam um registro temporal, revisitam o passado e proporcionam a abertura de novos caminhos para a transformação do presente. Como toda leitura dependerá do contexto histórico-social, dos paradigmas vigentes, das demandas sociais e principalmente, do leitor (RIBAS; PONTES, 2013), ambas podem se sobrepor, como em um palimpsesto.

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente: hipertextos) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. (...) Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim (GENETTE, 2010, p. 5).

Sob este ponto de vista, literatura e história muitas vezes se mesclam, entrelaçando-se. Ao incorporarem intersubjetividades e discursos interdisciplinares, avançam para além dos limites da intertextualidade e da “duplicidade” da linguagem

poética, posto que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 2005; p. 68).

Assim, para além do cunho literário – da construção da linguagem e do gozo do texto –, a utilização da história em enredos literários permite a reflexão e a capacitação crítica na leitura das obras. Por sua vez, a abordagem interdisciplinar do texto proporciona um viés único, que permite questionar e transpor os limites de cada disciplina e avançar para um entendimento crítico acerca dos fatos que subjazem aos eventos narrados. É no espaço intersticial deste processo que dialogismos (BAKHTIN, 2011) e intertextualidades (STAM, 2006) são construídos.

A interseção entre a pura ficção e os registros oficiais nos proporcionam uma outra maneira de perceber o mundo e nos apresenta a novas visões de mundo. A liberdade concedida à literatura na composição de suas obras abre espaço a uma nova concepção da história que luta para soltar as amarras da tradição, questionando seus objetos de estudo e sua trajetória – a meta história (HUTCHEON, 1991; WHITE, 2001). Este movimento torna a narrativa não apenas saborosa, mas instigante e reflexiva, contribuindo para uma análise (crítica e multidisciplinar) sobre as diferentes percepções e interpretações dos acontecimentos.

As possibilidades interpretativas: intermedialidades e reflexão crítica

O retrato do rei (MIRANDA, 2001) constitui-se como um romance histórico, relatando o episódio da Guerra dos Emboabas em Minas Gerais no período colonial (AMARAL, 2014). Construído a partir de um entremeado de histórias, nas quais a historiografia oficial mescla-se à composição literária, ele dilui o limite entre ficção e história utilizando estratégias que amplificam a fruição do texto sem deixar de referenciar – subliminar ou expressamente – discussões mais profundas. Assim, podemos ver um episódio da história do Brasil tratado a partir de uma perspectiva literária.

Resultado de uma rigorosa pesquisa histórica – baseada em registros oficiais precisos – sua narrativa se utiliza de “passos imaginativos” (IGGERS, 1997, p. 2), no qual a urdidura do drama se desenvolve a partir dos dados resgatados pela historiografia oficial, complementados com elementos ficcionais. Isto é, a autora especula no entrelace entre a historiografia oficial e as possíveis interpretações a partir de seus vácuos para preencher lacunas e questionar contextos até então reportados como inquestionáveis. E uma vez que não existe uma possibilidade única de registro da realidade, a literatura

pode e deve ser encarada como uma fonte privilegiada de leitura dos acontecimentos históricos, tendo em sua carga poética e interpretativa, mais uma fonte enriquecedora para as pesquisas da história oficial (FEIL, 2009).

Esta capacidade de (re)pensar o cotidiano através do trivial, apontando sutilmente as manipulações que se dão em seu meio de uma forma prazerosa e instigante, faz desta perspectiva literária uma importante fonte de estudo e aprendizagem. Sem perder o foco do entretenimento e da fruição (ECO, 2009), preza por levar os leitores à autorreflexão e ao questionamento de “verdades absolutas” socialmente postas.

Híbrido de realidade e ficção, *O retrato do rei* utiliza de interfaces de modo a subverter a fragmentação intertextual à qual tem acesso. Ao considerar a história como produto da criação humana, apresenta o passado como uma construção permeada por diferentes subjetividades e interpretações – portanto, atravessado e condicionado por textos e intertextos –, fazendo-nos refletir sobre questões ainda persistentes em nosso cotidiano. Pluralizando os discursos da história – e das ciências afins –, compõe uma complexa e discursiva rede institucional de culturas (RUTHVEN, 1984), repensando e reelaborando formas e conteúdos do passado, subvertendo convenções estabelecidas (HUTCHEON, 1991, p. 22) através do literário.

Sob estas circunstâncias, a obra se caracteriza por experimentar proposições que inovam e reconfiguram o contexto no qual se inscreve.

A primeira a proposição refere-se à utilização dos recursos intermediáticos para unificar as diversas tramas paralelas apresentadas no enredo. A introdução de um recurso semiótico – a figura de um rei na forma de uma pintura –, representa um interessante estratagema para articular a teia de eventos que movimenta a narrativa. Este *link* entre a palavra e a pintura, entre o verbal e o figurativo estabelecem degraus para uma nova percepção do que é dito, do retratado. Pintura e verbo são colocadas em equivalência. E, apesar das diferenças estruturais de forma, desempenham a mesma função: ambas são personagens centrais da trama e interagem com igual força e valor. Assim, podemos acompanhar as personagens humanas disputando protagonismo com uma pintura. E embora esta não emita palavra, o seu teor simbólico organiza e determina toda a coreografia desempenhada pelos demais atores no texto.

A segunda proposição a nos chamar a atenção é a forma como são forjadas as personagens, em um entrelace versões e polifonias, fazendo uso simultâneo de apropriações históricas e construções literárias. Assim, a elaboração das personagens

passa pela mesclagem de fatos, reais e ficcionais, documentados e imaginados, tornando tênue e indivisível o limite entre o real e o imaginário. É o caso de personagens cunhadas a partir de um compêndio de lendas e fatos, como D. Mariana de Lancastre (CAMPELO, 2002; SANTOS, 2011; VERÍSSIMO, 2015), ou o pai desta, D. Afonso de Lancastre (SOUSA, 1948; CUNHA, 1990; D'ÁVILA, 2015). Longe de cindirem a história, estas interagem com personagens oficiais históricas – como os irmãos Pedrosa, Borba Gato, Bento do Amaral, Frei Francisco –, fornecendo substrato para o desenrolar da trama. E por conta de sua maior liberdade de expressão e articulação com outros vieses disciplinares (históricos, culturais), muitas vezes é através dessas personagens que importantes discussões sociais são conduzidas. Neste sentido, também a pintura-personagem passa por este processo. Elemento semiótico introduzido no contexto verbal, que atravessa intermêdiaticamente as artes (a cultura da elite), a citada pintura do rei de Portugal é histórica (BATONI, 1707). E apesar das peripécias pelas quais a referida imagem passa no texto – derivada do senso imaginativo da autora –, a tradição descrita de se fazer representar autoridades por seus retratos – reproduzindo através do signo, seu significado (EAGLETON, 2003) – é procedente, ainda hoje encontrando-se em uso.

A terceira proposição a ser considerada diz respeito à maneira pela qual as questões vivenciadas pelas personagens são atualizadas. Isto é, como podem ser problematizadas, contextualizadas sob o olhar atual, sem perder o foco histórico. Implica em acompanharmos o percurso das personagens (seus conflitos e destinos) e sermos levados habilmente a inferir como a sociedade em que se situam atende ou deixa de atender às demandas apresentadas; principalmente, envolve questionarmos o que efetivamente mudou em nossa realidade, tornando visível o efeito desta assincronia. E ao nos fazer pensar sobre o que mudou (ou não) desde então, abre novos campos para uma reflexão crítica sobre a realidade que nos cerca. Lança, assim, luz sobre situações ainda persistentes em nosso cotidiano – como a questão da identidade nacional (da formação da nação e dos indivíduos enquanto sujeitos de seus destinos) –, da disputa pelo poder e do papel da mulher em uma sociedade patriarcal. Neste sentido, vemos questões de identidade atravessar toda obra – seja por meio da estilização literária para a composição das personagens, seja no desenvolvimento de temas socialmente relevantes. Considerando que as identidades surgem a partir das crises do mundo social e do seu “descentramento” – da fragmentação a qual o indivíduo se sujeita –, essa mudança

estrutural produz o deslocamento tanto dos próprios indivíduos quanto de seu local no mundo social e cultural (HALL, 2011). E é na perspectiva de buscar o seu lugar no mundo que as personagens se debatem durante a trama, ora partindo para novas terras, novos espaços, ora metamorfoseando-se em uma processo de recriação interna em busca com o que identificar-se.

A quarta proposição implica em pensar a história como produto das relações humanas. Pois, assim como a literatura, a história é uma construção humana, passível a infinitas percepções, sempre aberta a novas composições, a intervenções. Se o romance investe no trabalho de reconstrução e contextualização de acontecimentos históricos é porque “a história forma (...) uma esfera de acolhimento ao mesmo tempo privilegiada e perigosa” (FOUCAULT, 1999, p. 514). Para isso, torna-se imprescindível a reelaboração de seu conteúdo, por vezes subvertendo as convenções estabelecidas (HUTCHEON, 1991). Este processo aflora diferentes subjetividades e interpretações a partir de um espaço plural, composto por múltiplos olhares, identidades diversas e incontáveis versões. De modo que, a cada releitura a obra, podemos observar uma escritura diferente (EAGLETON, 2003).

Conclusão:

Ao analisarmos uma obra, além dos elementos internos operantes na elaboração textual, o fazemos também com as estruturas externas, sócio históricas, nas quais ela emerge. Essa perspectiva amplia os horizontes da expressão literária, ultrapassando conceitos linguísticos e comunicativos para se estender a novas categorias. E ao franquear espaços interdisciplinares em seus conteúdos, expande a leitura alargando o universo representativo do leitor, possibilitando um mergulho em novas áreas de conhecimento e representações. A assimilação de seu conteúdo dar-se-á a partir da dialética resultante do processo da leitura (na fusão entre o dito e o interpretado), viabilizada por dialogismos e intertextualidades, muitas vezes diluídos subliminarmente no texto. A confluência destes diálogos interdisciplinares estabelece uma espécie de polifonia, com o surgimento de outros textos e referências dentro da narrativa, marcando diferentes influências (BAKTHIN, 2011).

Portanto, abordar interdisciplinarmente o texto, buscando um entendimento acerca dos fatos que subjazem aos eventos narrados, constitui uma espécie de peripécia, escapando por vezes ao próprio leitor. Principalmente quando envolve um repensar crítico, uma “(...) tentativa de dissolver (...) grilhões forjados pela mente, de modo a ter

condições de utilizar histórica e racionalmente próprio intelecto para chegar a uma compreensão reflexiva e a um desvendamento genuíno” (SAID, 2016, p. 19).

Todo esse processo necessita, acima de tudo, despertar o interesse pela leitura. O pacto ficcional estabelecido se constrói tanto a partir da interseção com outras obras, como com as mais diferentes linguagens, nos mais variados gêneros (MAIA, 2015). A boa narrativa requer o estabelecimento de interações positivas entre o receptor e o emissor para propiciar a sua fruição. Esta capacidade de transpor os limites da literatura, assegurando não apenas o deleite do texto, mas a análise do momento histórico é o que permite despertar emoções ao leitor.

Em *O retrato do rei* temos explicitadas estas características, pois, ao transitar por outras disciplinas, a obra constitui intertextualidades, trabalhando tanto categorias empregadas pela história quanto com a semiótica. Opera ainda intermedialidades entre a palavra escrita e a arte pictórica – uma pintura interage ao longo da trama como fio condutor da história –, e interseções entre tempo e fatos históricos e a própria construção literária. A polifonia que atravessa a elaboração das personagens é construída em uma relação de complementariedade, a partir de interpolações (RIBAS; NUNEZ, 2016), um *patchwork* de lendas e fatos documentais. Por sua vez, a escolha da meta história como estratégia narrativa desloca referenciais de análise teóricos modernos para, sutilmente, avaliar situações do passado ainda recorrentes nos dias atuais. O uso dessa estratégia nos leva a refletir que “o texto literário não está separado de fatores extralinguísticos, extratextuais, contextuais. Numa espécie de cadinho literário pode-se notar uma conversão do externo, ou extralinguístico, ao literário, ou intralinguístico” (BOLOGNIN, 2016, pp. 46-47). A interseção entre literatura e história promovendo importantes discussões críticas acerca da sociedade em que vivemos.

Nesta leitura temos um olhar mais abrangente desenvolvido a partir de episódios pontuais da história do Brasil. Sob o verniz do romance, o livro apresenta-nos de forma palatável e aravés do complexo panorama das relações sociais da época, discussões mais profundas e abrangentes. São, assim, discutidas questões de pertinência sociológica e psicológica, como a compreensão de identidade. Em um primeiro plano temos a concepção de identidade no contexto do pertencimento a determinado grupo social – quem ou o quê a formaria, tendo em vista o recrudescimento de identidades desalojadas, o desenvolvimento das fronteiras e limites, as re-localizações e os fluxos

(HALL, 2011). E em um segundo plano, temos a discussão da identidade como categoria existencial – enfatizada na busca das personagens pelo seu lugar no mundo.

A literatura extrai do contexto histórico elementos para a sua elaboração, lançando luz sobre a história em seus mais diversos ângulos, revelando-a em suas diferentes versões e reescritas. Ao retratar o panorama das relações sociais da época, o livro aponta para outras perspectivas, propiciando um viés reflexivo sobre a realidade apresentada a partir de sua contextualização e comparação com aquela na qual nos encontramos. A grande contribuição desta obra consiste em saber tornar interessante temas profundos com a leveza necessária para prender a atenção do leitor, lançando-o à pesquisa e viabilizando o questionamento de valores e conceitos instituídos.

Referências Bibliográficas:

AMARAL, A. L. *Histórias mineiras: a guerra dos emboabas*. Disponível em: historiasmineiras.blogspot.com/.../a-guerra-dos-emboabas.htm. Acesso em 01/06/2014.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BATONI, P. *Retrato de D João V de Portugal. 1707*. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/temashistoria/joao5.html>. Acesso em 02/06/2014.

BERGER, P. L; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BOLOGNIN, R. A. F. *Memória e identidade em Nove noites, de Bernardo Carvalho*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8312/DissRAFB.pdf>. Acesso em: 09/01/17.

CAMPELO, A. *Lendas do Vale do Minho*. Valença, Associação de Municípios do Vale do Minho, 2002, p.101-103. Disponível em: www.lendarium.org › Narratives tagged with "portugueses". Acesso em: 20/06/2015.

CUNHA, M. S. *Linhagem, parentesco e poder. A casa de Bragança (1384-1483)*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1990.

- D'ÁVILA, M. D. *Afonso*. Fundação Casa de Bragança, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=645. Acesso em: 04/07/2015.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FEIL, R. B. Dois olhares sobre o mesmo tema: diálogos interdisciplinares entre história e literatura no romance *Incidente em Antares*. *Espéculo*. In: *Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero43/antares.html>. Acesso em 29/06/14.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Laparina, 2011.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- IGGERS, G. G. *Historiography in the twentieth century: from scientific objectivity to the postmodern challenge*. Hanover NH. USA: University Press of New England, 1997.
- JANZEN, H. E. Concepção bakhtiniana de literatura e a análise de personagens nos livros didáticos de LEM. In: *Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso*, vol.7, nº.1, pp. 107-124. São Paulo Jan./Jun.2012.
- KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MAIA, C.R. *A leitura e o prazer de ler*. Artigo entregue na conclusão da disciplina Leitura e formação de leitores da Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Formação de Professores (FFP),UERJ, 2015.
- . Literatura & História em *O retrato do rei*, de Ana Miranda e *Nove noites*, de Bernardo Carvalho. In: OLIVEIRA, P. C. S; CARREIRA, S. S. G. *Estudos literários na contemporaneidade: questões e tendências*, v.1. São Gonçalo, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, FFP/UERJ, 2017, pp. 81-91.
- MIRANDA, A. *O retrato do rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- MONTEIRO, A.M. Entre a história e a memória. In: *História Viva*, nº 123. São Paulo: Duetto Editorial, janeiro de 2014.
- MUNSLOW, A. *Deconstructing history*. London: Routledge, 1997.
- RIBAS, M. C. ; PONTES, L. O Boca do Inferno: (Re)leituras da poesia (barroca) de Gregório na contemporaneidade. In: *Guavira Letras*, nº. 16. Pós Graduação da UFMS, 2013. p. 23-46. Disponível em: <http://cptl.ufms.br/manager/titan.php?target=openFile&fileId=880>. Acesso em: 20/03/2015.
- RUTHVEN, K. K. *Feminist literary studies: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- SANTOS, M. N. P. S. *Manchas contemporâneas: o processo de reconstrução literária da identidade feminina em O retrato do rei*. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- SOUSA, A. C. *História genealógica da casa real portuguesa*, tomo V, nova edição revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado. Coimbra: Atlântida Livraria Editora, 1948.
- SOUZA, W. M. L. *A literatura como diálogo: um percurso histórico do hipertexto*. ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/110.pdf. Acesso em: 02/01/17.
- STAM, R. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. In: *Revista Ilha do Desterro. Florianópolis*, nº 51, p. 19-53, jul/dez 2006.
- VERÍSSIMO, N. *O Funchal em cinco actos: o século XVII*. Disponível em: <https://passosnacalcada.wordpress.com/.../o-funchal-em-5-actos-o-sec-xv...01> de jun de 2008. Acesso em: 20/06/2015.
- WHITE, H. *Teoria literária e escrita da história*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1991, vol. 7, n. 13, p. 21-48. Disponível em: https://www.academia.edu/4043144/TEORIA_LITERARIA_E_ESCRITA_DA_HISTORIA.
- *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.